

ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO  
CURSO TÉCNICO EM GERÊNCIA EM SERVIÇOS DE SAÚDE

A EDUCAÇÃO NO ESPELHO: CONTRAPONTO ENTRE A  
FORMAÇÃO POLITÉCNICA E A TÉCNICISTA

FABIANA PESSOA DA SILVA

Projeto apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para a obtenção do grau técnico de nível médio de Gerência em Serviços de Saúde.

*Orientadora: Raquel Barbosa Moratori.*

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO

A EDUCAÇÃO NO ESPELHO: CONTRAPONTO ENTRE A  
FORMAÇÃO POLITÉCNICA E A TÉCNICISTA

FABIANA PESSOA DA SILVA

RIO DE JANEIRO  
Fevereiro de 2013

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>4</b>
<b>1.1. METODOLOGIA.....</b>	<b>7</b>
<b>2. PRESSUPOSTOS DA ESCOLA.....</b>	<b>8</b>
<b>2.1. A ORIGEM DA ESCOLA.....</b>	<b>8</b>
<b>2.2. ESCOLA TECNICISTA.....</b>	<b>11</b>
<b>2.3. ESCOLA POLITÉCNICA.....</b>	<b>13</b>
<b>3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>16</b>
<b>3.1. ASPECTOS DA COMPREENSÃO DA POLITÉCNIA.....</b>	<b>17</b>
<b>3.2. PPP – UM PROJETO CONTRA-HEGEMÔNICO.....</b>	<b>19</b>
<b>3.3. A PRÁTICA POLITÉCNICA.....</b>	<b>20</b>
<b>4. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>22</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A motivação para este estudo decorreu da minha formação na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – EPSJV/Fiocruz, através da qual pude perceber que a concepção de escola que carregava comigo do senso comum e alimentada pela mídia é distinta do real caráter que a escola assume na sociedade capitalista.

Eu não reconhecia a escola como uma instituição com posicionamento ideológico, ou seja, defendendo um determinado posicionamento político; pelo contrário enxergava a escola como uma instituição neutra, que ensina um conhecimento - o conhecimento científico, incontestável e universal. Compreendo hoje que essa leitura a concepção de escola e de ciência que carregava comigo oriunda do senso comum e fomentada pelas mídias de massa. Entendia o conhecimento científico como inquestionável e universal, logo a verdade, visão está disseminada pela grande mídia. Não reconhecia a escola como uma instituição que desempenha um papel político e que por isto irá introduzir valores e concepções.

A partir de um maior aprofundamento sobre estas questões, passei a compreender a escola como uma instituição que tem posicionamento ideológico e político, podendo educar tanto para emancipação como para dominação dos sujeitos na sociedade.

Além disso, compreendo que o conhecimento traz em sua construção um caráter de classe, pois sua construção carrega a visão da classe dominante, num determinado momento histórico. Ou seja, os conhecimentos carregam valores, concepções de mundos, etc., logo, sendo passíveis de questionamento.

Em minhas experiências nas escolas anteriores e hoje na politécnica, consigo perceber diferenças marcantes, principalmente, em como se educam os discentes. Nesse sentido, percebo uma diferença entre o modo de formação da escola tradicional e da Escola Politécnica. Uma diferença, por mim percebida, é que o professor na politécnica adota uma postura mais crítica em relação ao conhecimento e incentiva a mesma postura crítica nos alunos.

Minhas inquietações nasceram então das percepções destas diferenças e os desafios para os trabalhadores em construir um modelo de educação politécnica e, para os discentes, em vivenciarem esse novo modelo de formação.

O presente estudo demonstrou sua relevância ao contribuir para amadurecer o meu conhecimento sobre minha formação. Através dele compreendi como a escola tradicional pode se tornar um mecanismo de dominação sobre a sociedade, quando priva os trabalhadores dos conhecimentos que podem contribuir para a crítica desta sociedade.

É comum ouvir que é responsabilidade da escola formar um cidadão consciente de seus direitos e deveres. Porém, observando a escola sob essa ótica percebe-se que esta se moldou como uma instituição que vai garantir a manutenção da estrutura da sociedade capitalista, tendo um modelo de formação voltado exclusivamente para a inserção do trabalhador no mercado de trabalho e que, deste modo, priva-o de conhecimentos que permitam lhe compreender as contradições desse modelo de sociedade, privando-o de atuar na sua transformação.

As mudanças ocorridas no universo do trabalho se refletem, no contexto da escola, como novas concepções pedagógicas que tem o papel de intensificar a dominação sobre a classe trabalhadora e aprofundar um modelo de formação voltada para atender as necessidades do mercado.

Neste sentido, teorias burguesas como a Teoria do Capital Humano, desenvolvida por Theodoro Schultz (1962), tem fortalecido uma concepção tecnicista de educação, formando trabalhadores para o exercício do trabalho (FRIGOTTO, 2008).

A educação é vista como investimento para aumentar os lucros do capital, fomentando-se a ideia de que a educação é um investimento que agrega valor ao indivíduo, desse modo, tornando-o mais empregável e capaz de mudar sua condição social.

A teoria do capital humano, aliada a outras noções como de “sociedade do conhecimento”, “qualidade total”, “pedagogia das competências”, “empregabilidade” e “empreendedorismo”, vai responsabilizar os trabalhadores pela sua condição. Essa teoria será disseminada nas escolas, nos meios de comunicação de massa, enfim, fazendo com que o trabalhador realmente acredite que é de sua responsabilidade, independente da classe social que este se encontra, o alcance de uma boa condição financeira. E que esta só pode ser alcançada via escolaridade (CASTRO, 2008; FRIGOTTO, 2008; RAMOS, 2008).

A escola torna-se um mecanismo através do qual o trabalhador se torna mais empregável. Esta concepção de escola e de educação forjará uma formação cada vez mais voltada para o exercício, em detrimento da formação intelectual.

Como contraponto a este modelo de formação, o pesquisador brasileiro Demerval Saviani, propôs outro enfoque para a educação nacional que tem buscado contrapor-se ao modelo de educação tecnicista. Sua proposta tem a perspectiva de politecnia como suporte para este outro enfoque.

A proposta da politecnia opõe-se a educação tecnicista que é centrada, majoritariamente, em uma educação focada em conhecimentos manuais e técnicos para o exercício do trabalho.

“A noção de politecnia contrapõe-se a essa idéia, postulando que o processo de trabalho desenvolva, em uma unidade indissolúvel, os aspectos manuais e intelectuais. Um pressuposto dessa concepção é que não existe trabalho manual puro e nem trabalho intelectual puro. Todo trabalho humano envolve a concomitância do exercício dos membros, das mãos e do exercício mental, intelectual. Isso está na própria origem do entendimento da realidade humana constituída pelo trabalho.” (SAVIANI, 1989, p.138)

A concepção de politecnia se propõe, então, a educar o trabalhador de forma que este seja capaz de compreender as técnicas de seu trabalho e os fundamentos teóricos que estruturam estas práticas. Ou seja, a politecnia pretende unir novamente o pensar e o fazer, mostrando que estes aspectos só foram separados para manipular o trabalhador.

Neste contexto, a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, da Fundação Oswaldo Cruz, representando um movimento de resistência à sociedade capitalista elaborou seu projeto político pedagógico, a partir da concepção de politecnia e tem buscado construir este projeto contra-hegemônico nas duas últimas décadas.

A abordagem desse estudo buscou, então, elementos da educação politécnica para entender como o projeto político pedagógico da EPSJV busca romper com o modelo de educação tecnicista, afirmando-se como um projeto de escola contra hegemônico.

Observa-se ainda outra questão importante: a Escola Politécnica está inserida numa sociedade que caminha no horizonte oposto a educação que ela propõe, deste modo, seu desafio aumenta, pois tem que lidar com um aluno que vem da lógica do capitalismo e carrega, em seus conceitos e formas de agir, características desta sociedade e ao se confrontar com o horizonte de formação politécnica encontrando dificuldade em vivenciar essa proposta de educação.

Neste sentido, ao longo desta pesquisa buscou-se entender como o projeto político pedagógico da EPSJV tem se proposto a romper com o modelo de educação tecnicista. Para tanto, pesquisou-se os pressupostos da escola tecnicista e da Escola Politécnica; buscando compreender os principais conceitos que norteiam o projeto político pedagógico da EPSJV; como também buscou elementos para identificar como a politécnica se expressa na prática docente.

## **1.1. METODOLOGIA**

A metodologia utilizada neste estudo baseou-se na pesquisa social que é, em sua essência, qualitativa. Isso significa que considerou o objeto na sua complexidade, reconhecendo a existência de contradições e tendo a consciência de que este objeto está em constante mutação. Considerou, também, que autor deste estudo é parte da pesquisa e que ele e os demais atores sociais envolvidos neste processo estão inscritos em um tempo histórico e carregam consigo valores e crenças, sendo, também, fruto da realidade que produzem. Considerou, deste modo, o objeto reconhecendo sua subjetividade e imprecisão e não viu nisso uma impossibilidade para o estudo. (MINAYO, 2004)

Deste modo, esta pesquisa qualitativa se estruturou em 02 momentos. No primeiro, realizou uma revisão bibliográfica acerca do tema, seguido de uma análise do Projeto Político Pedagógico da EPSJV, com o intuito de compreender sobre quais bases está alicerçado seu modelo de educação. Nesta análise pode-se perceber o modo como este modelo de educação se diferencia do modelo tradicional e como se efetua o rompimento com a educação tecnicista.

No segundo momento, utilizou-se um questionário com perguntas abertas onde identificou-se, através dos sujeitos da pesquisa, aspectos do entendimento sobre o conceito de politécnica, assim como, a forma como eles entendem a prática politécnica. Justificas-se a escolha destes sujeitos, pois compreende-se que estes são aqueles que estão a frente da prática cotidiana.

Inicialmente, também seria composta por um terceiro momento, no qual se pretendia realiza um estudo de caso, através de uma observação participante efetuada pelo autor deste projeto. Nesta etapa, seria escolhida uma disciplina, ministrada por um(a) professor(a) da EPSJV que tenha pelo menos dois anos de experiência como docente nesta instituição e que aceitasse participar do projeto. As aulas seriam gravadas por um

período de um mês, ou de quatro encontros. Sendo neste material gravado buscado as categorias identificadas na etapa anterior.

Entende-se que esta terceira etapa seria importante para atingir os objetivos deste projeto, no entanto, a pesquisa muda de estratégia metodológica no que diz respeito à terceira etapa da pesquisa. Primeiro devido à greve dos trabalhadores que coloca a escola em um momento peculiar que altera o ritmo e a organização das aulas.

Segundo, percebe-se a partir do contato e da conversa com o sujeito da terceira etapa que o próprio momento da pesquisa que implicaria gravação altera o momento da aula. Pois, pode trazer para o professor o sentimento de que estaria sendo avaliado e por este motivo tiraria a espontaneidade do docente em sala de aula, o que alteraria o resultado da pesquisa, invalidando-o.

Deste modo, decidiu-se eliminar a terceira etapa. Assim sendo, ressalta-se que as respostas expostas nos resultados não respondem aos objetivos traçados nesta pesquisa, pois se trata da compreensão de sujeitos envolvidos com as atividades cotidianas da EPSJV. Porém, representa o caminho traçado para alcançar estes objetivos.

Finalmente, este projeto se submeteu e respeita as normas que regem o Comitê de Ética em Pesquisa Social da EPSJV.

## **2. PRESSUPOSTOS DA ESCOLA**

### **2.1. A ORIGEM DA ESCOLA**

Inicialmente, esta pesquisa questiona qual a origem da escola e em que momento esta assumiu o caráter de desenvolver no trabalhador conhecimentos voltados a execução do trabalho, privando-o de conhecimentos que desenvolvam seu intelecto e não permitindo a compreensão e o questionamento da sociedade.

Para pensar a origem da escola, tem-se primeiro que refletir sobre como o homem se educa e é educado nesta sociedade. Portanto, torna-se necessário refletir sobre a relação entre trabalho e educação.

Diferentemente dos outros animais, que se adaptam a natureza e tem nela a sua garantia de sobrevivência, o homem age sobre a natureza adaptando-a as suas necessidades. Neste processo o homem transforma a natureza, produzindo a sua própria vida. Conhecemos este ato como trabalho.

Então, o homem não nasce homem, mas produz sua essência através do trabalho. “A essência humana é produzida pelos próprios homens. O que o homem é, é-o pelo trabalho” (SAVIANI, 2007, p.154). Disto se conclui que a essência do homem é dada pela forma como este produz a sua vida.

Ao transformar a natureza o homem desenvolve habilidades e aptidões, adquirindo conhecimento através deste ato de intervenção. O homem aprende a trabalhar no próprio ato do trabalho, neste sentido formação e trabalho são partes indissociáveis de um mesmo processo. “Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então com a origem do homem mesmo” (SAVIANI, 2007, p.154).

O conhecimento aprendido no trabalho é transmitido para as gerações posteriores e este exercício se produz na interação com outros homens. Nas comunidades primitivas a educação e o trabalho coincidiam com a vida destes sujeitos e eles se apropriavam coletivamente dos meios de produção, educando-se e educando as novas gerações. Logo, para Saviani (2007), o trabalho é, em princípio, educativo.

Trabalhar e educar caracterizava-se, então, como um processo inseparável. Entretanto, apesar deste caráter indissolúvel em sua origem, o modelo de sociedade que vai se tornando hegemônico irá promover uma ruptura nesta relação. O desenvolvimento e complexificação do trabalho na sociedade capitalista levou a divisão do trabalho, como também a apropriação privada dos meios de produção.

Esse processo, segundo Saviani, desencadeou uma cisão no corpo social, dando origem a dois grupos distintos: proprietários e não-proprietários dos meios de produção. Neste processo, os não proprietários precisaram vender a sua força de trabalho para garantir a sua sobrevivência, entretanto, inseridos em um trabalho assalariado e organizado de forma fragmentada, o trabalhador não mais domina todo o processo de trabalho, assim como não se identifica mais com ele. O trabalhador é treinado para executar tarefas repetitivas e a relação trabalho e formação, se torna, no mínimo, precária.

Esta cisão social dá origem a duas modalidades distintas de educação, uma para cada classe social. Uma classe (a dominante) terá uma educação centrada no desenvolvimento intelectual, na arte das palavras e no exercício físico de caráter militar e lúdico; a outra classe (a subordinada) uma educação voltada exclusivamente para o exercício do trabalho. A primeira modalidade de educação foi considerada a educação

propriamente dita e dará origem à escola. Estamos diante do processo de institucionalização da educação, como esclarece Saviani:

“A palavra escola deriva do grego σχολή e significa, etimologicamente, o lugar do ócio, tempo livre. Era, pois, o lugar para onde iam os que dispunham de tempo livre. Desenvolve-se, a partir daí, uma forma específica de educação, em contraposição àquela inerente ao processo produtivo.” (SAVIANI, 2007, p. 155).

Vale destacar que esse processo de ruptura na unidade da educação só foi viável a partir da própria divisão do trabalho. O que nos permite concluir que em uma sociedade cindida em classes a educação e o trabalho tendem a se manifestar em cenários distintos.

Com o aprofundamento e a complexificação das técnicas necessárias ao desenvolvimento da sociedade capitalista, a formação para o trabalho sofreu uma nova determinação. Naquele momento, a sociedade precisava de um trabalhador que conseguisse utilizar as novas ferramentas de trabalho e para isto precisava aprender a ler os manuais e a lidar com as novas tecnologias. A introdução da máquina no cotidiano do trabalho impôs a exigência de um patamar mínimo de educação. Tornou-se necessário a generalização da escola básica, para integrar os trabalhadores ao processo produtivo, permitindo o uso de maquinários mais complexos, sem maiores dificuldades.

O modo de produção capitalista determinou mudanças decisivas na educação e forjou a ideia de educação pública, universal, laica e obrigatória, colocando no Estado, o papel central na formação do homem.

“Com isso, o domínio de uma cultura intelectual, cujo componente elementar é o alfabeto, impõe-se como exigência generalizada a todos os membros da sociedade. E a escola, sendo o instrumento por excelência para viabilizar o acesso a esse tipo de cultura, é erigida na forma principal, dominante e generalizada de educação” (SAVIANI, 2007, p.158)

Entretanto, ainda que a escola fosse representada como democrática e para todos, na realidade ela se constituiu num mecanismo para forjar nos sujeitos valores e compreensões pertinentes a consolidação do modelo hegemônico de sociedade, preparando os trabalhadores para inserção neste modo de produção. Assim, tendo como referência os padrões escolares, mas determinados diretamente pelo processo produtivo, organizam-se cursos profissionais no âmbito das empresas, sendo estabelecido como formação profissional.

Verifica-se nesse processo que o novo modelo de sociedade e a Revolução Industrial restabeleceram a ligação entre formação e trabalho, porém de maneira divergente do que se praticava nas comunidades pré-industriais.

## **2.2. A ESCOLA TECNICISTA**

Na sociedade capitalista, a ciência é incorporada ao processo de trabalho, sendo convertida em força produtiva, logo em meio de produção. De acordo com a lógica capitalista a ciência é convertida em propriedade privada, entretanto não se podem privar os trabalhadores, absolutamente, do conhecimento, pois deste modo eles não produziram.

Uma frase atribuída a Adam Smith vai exemplificar essa lógica quando o mesmo afirma que: “instrução para os trabalhadores sim, porém, em doses homeopáticas” (apud SAVIANI, 2003, p.138). Isto significa que é preciso instruir os trabalhadores, porém com conhecimentos mínimos, necessários apenas a sua socialização e a execução do trabalho que lhe cabe.

Frederick Taylor vai levar essa premissa a sua expressão máxima, materializando-a. Através do estudo de tempos e movimentos, Taylor observa o cotidiano do trabalhador e identifica quais as tarefas simples que compreendem o processo de trabalho e reorganiza este trabalho, fragmentando-o ao máximo, visando à especialização do trabalhador.

O conhecimento que antes pertencia ao trabalhador passa a ser propriedade privada dos detentores dos meios de produção e estes irão organizar formas, não só de desenvolver este trabalho de modo mais rápido, mas de modo a desapropriar o trabalhador do seu conhecimento e torná-lo dispensável.

Mais tarde, com o fordismo e a introdução da esteira mecânica no processo produtivo, o trabalhador também perde ainda mais o controle sobre o seu ritmo de trabalho, tendo que se adequar ao tempo de produção da máquina e exercendo funções cada vez mais repetitivas. A organização do trabalho taylorista/fordista tem como principais características:

“[...] a separação por postos de trabalho; tarefas simples e rotineiras, que são normalmente prescritas; intensa divisão técnica do trabalho com separação entre concepção e execução; além de uma grande parcela de trabalhadores com semiquificação e com uma baixa autonomia no processo de trabalho” (DELUIZ, 2001 apud EPSJV, 2005, p.114)

A organização escolar se alicerçou, então, sobre os pressupostos taylorista/fordista reforçando, a partir destas concepções, que é necessário desenvolverem conhecimentos mínimos nos trabalhadores e estes, estritamente ligados a sua socialização e ao exercício do trabalho. Este movimento aprofundou ainda mais a dicotomia entre aqueles que pensam e os que executam.

Desenvolveu-se aqui um modelo de educação voltada para o abastecimento do mercado de trabalho, que privilegia a aprendizagem de conhecimentos técnicos e fragmentados, em detrimento dos conhecimentos que desenvolvam o intelectual crítico destes trabalhadores. O resultado deste processo moldou, majoritariamente, um tipo de trabalhador especializado, adestrado, adaptado a divisão do trabalho, tendo como suporte para este processo uma educação nos moldes tecnicista.

Com o desenvolvimento da sociedade capitalista o modo de organização do trabalho taylorista/fordista vai cedendo espaço ao modo de organização toyotista, que tem como principal pressuposto a flexibilização do trabalho e a introdução cada vez mais intensa de tecnologias que vão substituir as atividades humanas. Conseqüências importantes desta transição podem ser percebidas na diminuição da estabilidade do emprego e na redefinição dos seus perfis profissionais. A necessidade deste novo tipo de trabalhador vai demandar da escola mudanças em suas concepções pedagógicas, que consigam dar conta de formar um tipo de trabalhador flexível, que se adapte a imprevisibilidade do mercado, que exerça várias funções, que tenha vários conhecimentos técnicos e que seja em sua “essência” altamente competitivo.

Isto é fortalecido por teorias burguesas como a Teoria do Capital Humano, desenvolvida por Theodoro Schultz, que reforçam a compreensão de que o investimento na educação é o que torna o trabalhador mais empregável e o processo produtivo das sociedades capitalistas, mais desenvolvidos. Trata-se de uma teoria que pretende explicar o ganho que o fator humano agrega a produção, vinculando a produtividade ao nível de formação do trabalhador.

Segundo Frigotto (2008) Schultz observa, nos Estados Unidos, que as pessoas estavam investindo em si mesmas e que este investimento vai ter grande influência no crescimento econômico daquela nação. Schultz denomina esse investimento de ‘capital humano’, e conclui que este capital é basicamente o investimento em educação.

“Foi a partir dessas observações que Schultz se dedicou à elaboração mais sistemática deste conceito expondo-a na obra cujo título é *Capital Humano* (Schultz, 1973). Partindo do pressuposto de que o componente da produção que decorre da instrução é um investimento em habilidades e conhecimentos

que aumenta as rendas futuras semelhante a qualquer outro investimento em bens de produção, Schultz define o 'capital humano' como montante de investimento que uma nação ou indivíduos fazem na expectativa de retornos adicionais futuros." (FRIGOTTO, 2008, p.68)

Trata-se aqui de uma teoria integradora entre educação e trabalho, que busca disseminar a ideia de que a educação é a chave para o desenvolvimento econômico e a possibilidade de mobilidade social para as populações pobres.

No campo educacional, a teoria do capital humano aprofunda a concepção tecnicista sobre o ensino e sua organização. Esta teoria nutre a ideia de que ao educar-se, o indivíduo agrega valor a si mesmo, aumentando as suas chances de competir no mercado de trabalho por um posto mais rentável. Em resumo defende que é via educação que se criam as condições para o desenvolvimento individual e, em plano macro, o desenvolvimento econômico das nações.

A educação torna-se fator explicativo das diferenças individuais e de renda e, conseqüentemente, da desigualdade social entre pessoas e nações. "Desloca-se, desse modo, para o âmbito individual o problema da inserção social, do emprego e desemprego e transforma-se a educação em um 'valor econômico'." (SANTIAGO, 2010, p. 90).

A escola hegemônica no capitalismo cumpre a missão de consolidação de valores e concepções que fortalecem este modelo de sociedade. Estas concepções, utilizando como referência teorias como a teoria do capital humano reorganizam seus projetos pedagógicos e seus currículos com enfoque na noção de competências que a escola deve desenvolver nos futuros trabalhadores. (SANTIAGO, 2010).

### **2.3. ESCOLA POLITÉCNICA**

Criada em 1985, a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), da Fundação Oswaldo Cruz, representa um movimento de resistência daqueles que lutam contra uma escola e uma sociedade excludente. Por isso, contrapondo-se ao modelo de formação tecnicista, a experiência da EPSJV aponta um novo horizonte para a educação profissional e constrói seu projeto pedagógico baseado na noção de politecnia.

Parte, então, do pressuposto de que não existe trabalho puramente manual ou puramente intelectual, pois a atividade do trabalho envolve o pensar e o fazer de modo indissociável. Ou seja, uma formação que desenvolva, além das práticas, o conhecimento intelectual que permita refletir sobre estas práticas.

Segundo Saviani (2003), a concepção de politécnica se propõe a educar o trabalhador de forma que este seja capaz de compreender as técnicas de seu trabalho e os fundamentos teóricos que estruturam estas práticas. Pretende-se aliar a atividade de produção intelectual à manual, rompendo com a dicotomia entre pensar e fazer, unindo novamente o conhecimento geral ao conhecimento específico.

No entanto, não se pode perder de vista que a EPSJV constrói a sua proposta de educação profissional, na área da saúde, no interior de uma sociedade cuja organização e valores não correspondem à essência de sua proposta. Nesta sociedade, as concepções educacionais hegemônicas refletem o ponto de vista deste modo de produção explorador e excludente.

Deste modo, a EPSJV se propõe a refletir e a analisar criticamente estas concepções pedagógicas buscando construir outros pressupostos que estejam mais alinhados aos interesses da classe trabalhadora.

No intuito de concretizar e pensar sua proposta educacional a EPSJV organizou, em 1987, o seminário “Choque teórico da politécnica: uma utopia em construção”, contando com a participação de Demerval Saviani na condição de debatedor e interlocutor.

“O que se pretendia era dar concretude a uma concepção educacional localizada até então, em nosso país, essencialmente na esfera teórica e cuja transposição para o campo prático deveria remeter, necessariamente, a uma reflexão sobre o modo como a sociedade se organiza e se conforma na relação entre dominantes e dominados, [...]. A experiência não deveria se reduzir aos limites do espaço físico em que estaria ocorrendo, posto que sinalizadora de uma direção não circunscrita ao processo de aprendizagem, mas ter por horizonte ‘uma sociedade transformada’ (AMÂNCIO FILHO, 1998, p.2 apud SANTIAGO, 2010, p.112).

Este seminário, então, deu condições para que a EPSJV pudesse aprofundar seu projeto de formação humana, comprometido com a formação de um sujeito autônomo, crítico, reflexivo, transformador no e do trabalho cotidiano. Seu projeto aponta para a superação de uma formação que prega o especialismo e tecnicismo, posto que “a politécnica implica a busca de eixos que estruturam o conhecimento organicamente, de sorte que faculte uma formação do homem em todas as suas dimensões” (FRIGOTTO, 1988, p.444 apud SANTIAGO, 2010, p.112).

Para dar materialidade a este projeto de formação, os profissionais da EPSJV vão elaborar o Projeto Político Pedagógico onde buscou-se traçar os objetivos deste projeto e os pressupostos que pautam e norteiam esta formação.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da EPSJV expressa às concepções e a organização do ensino e da pesquisa na Escola. Representa o registro da luta contra o modelo de sociedade capitalista e, também, uma proposta de ação.

A partir da década de 1990, o PPP se constitui – ou teria por meta realizar-se nesta direção – em um documento de elaboração coletiva, onde a comunidade escolar tem a oportunidade de trazer a palavra, expondo, tanto sua dimensão política, como epistemológica. No processo de elaboração deste documento se inscreve não só a concepção acerca do conhecimento, seu reflexo e concretização na prática pedagógica, como também a imbricação existente entre a ação educativa e o projeto político de nossa sociedade. O PPP ganha, então, um status singular, constituindo-se num artefato que delinea sentidos sobre a dimensão política do fazer educativo no interior da escola pública (STAUFFER, 2007, p.34 apud SANTIAGO, 2010, p.127)

Deste modo, este documento da Politécnica reafirma uma formação dos trabalhadores em diálogo com a vida social, pautando-se nos seguintes pressupostos:

### **Pressupostos da concepção de educação politécnica**

A idéia de politecnicidade implica uma formação que, a partir do próprio trabalho social, desenvolva a compreensão das bases de organização do trabalho de nossa sociedade. Trata-se da possibilidade de formar profissionais não apenas teórica, mas também praticamente num processo em que se aprende praticando, mas, ao praticar, se compreendem, os princípios científicos que estão direta e indiretamente na base desta forma de se organizar o trabalho na sociedade.

A formação profissional não é estática, é processo de construção individual e coletivo, onde os indivíduos se qualificam ao longo das relações sociais. Partilhando dessa concepção de qualificação profissional, Villavicencio (1992) ressalta que a qualificação, para ser compreendida como relação social, não pode ser tomada como construção teórica acabada. Esse entendimento requer como operador, para as suas variadas análises, o conceito do trabalhador coletivo.

Ter como projeto um currículo que, de acordo com as leis de ensino vigentes, já tenha as competências como referencial nessa perspectiva de valorização do saber do indivíduo, mas que também resgate a dimensão sócio-histórica, social mesmo da construção desse saber, não só psicológico. Portanto, uma abordagem ou uma construção curricular que possa vislumbrar a integração essa construção e também a sistematização como chances disciplinares.

A afirmação de que o conhecimento é construído socialmente e relacionado ao processo ensino-aprendizagem. Ressalta-se a aproximação com o pensamento de Vygotsky e outros estudiosos da chamada escola soviética, enfatizando que as dimensões interativas e construtivas do sujeito com os objetos físicos e com o meio são sempre sociais e históricas. Assim, o sujeito se forma em interações contínuas com o meio social, internalizando sinais e valores, herdando toda a evolução filogenética e cultural, tendo então acesso às funções mentais superiores, como a linguagem, a atenção voluntária, as operações lógicas etc.

A contextualização significando partir do conhecimento que o trabalhador já tem, valorizar esse conhecimento por um outro lado, não pode significar ficar restrito a este contexto. A base do processo de formação profissional é ir além daquilo que a pessoa traz como seu senso comum, e não só sistematizar o que ele traz. (EPSJV, 2005, p.63-65).

A partir destes pressupostos observa-se que a formação do trabalhador é um elemento importante para a superação do modelo societário nacional. O modelo de formação politécnica tem buscado, então, realizar uma formação integrada com o processo de formação social, com o intuito de apontar as contradições do modo de produção capitalista. Destaca-se, deste modo, que a escola não está isolada do corpo social e que o processo de ensino-aprendizagem deve partir do conhecimento do aluno e ultrapassar os seus limites, expondo as concepções de classe presentes no senso comum, que servem a dominação do trabalhador.

Além disso, neste projeto, compreende-se o aluno enquanto sujeito que carrega consigo valores e concepções de mundo, que não constitui um ser vazio ao qual o professor vai “preencher” com conhecimentos. O docente se coloca – ou ao menos deveria<sup>1</sup> – na posição de interlocutor e mediador dos debates em sala de aula, onde os conhecimentos são compartilhados. (EPSJV, 2005)

O PPP destaca que a proposta da EPSJV busca uma formação que não dissocia o pedagógico do político, pois objetiva-se a formação de um trabalhador atuante na perspectiva de transformação social.

Segundo Santiago, a Escola Politécnica representa:

“[...] um projeto com uma clara opção política em favor da classe trabalhadora, na busca da superação das desigualdades oriundas do processo de exploração característicos do modo de produção capitalista.”(SANTIAGO, 2010, p.113)

Esta proposta tende a se identificar com uma proposta socialista de sociedade, já que tem como finalidade colocar nas mãos dos trabalhadores um instrumento de luta contra o capital. (SAVIANI, 2003, p.146)

O projeto da Escola Politécnica “dinamiza, alimenta e alicerça o desejo de mudanças possíveis no interior de uma dada realidade, permitindo refletir a construção do futuro a partir dos meios e modos que essa realidade oferece” (AMÂNCIO FILHO, 1998, p.2 apud SANTIAGO, 2010, p.109)

Consiste, portando, em contribuir para pensar os caminhos de superação dos limites existentes nesta sociedade, na medida em que estabelece novas propostas e traz para a experiência, ações que apontam para um outro tipo possível de educação profissional.

A Escola Politécnica conforme se consolida no cotidiano do seu trabalho, disputando espaço enquanto modelo de formação, consegue incorporar no debate político, parte de seus pressupostos, tentando influenciar e alterar a legislação vigente.

### **3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**

As informações a seguir são resultados de entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa. Optou-se por dividir esta apresentação em três itens consecutivos, a saber:

---

<sup>1</sup> Relativiza-se a possibilidade do docente se colocar na posição de interlocutor e mediador dos debates em sala de aula, pois em minha experiência como discente percebo que esta prática nem sempre ocorre.

Aspectos da compreensão da politecnia; PPP- um projeto contra-hegemônico e A prática politécnica.

### 3.1. ASPECTOS DA COMPREENSÃO DA POLITECNIA

Embora o termo politecnia, para o leigo, possa remeter a ideia de múltiplas técnicas, para os sujeitos entrevistados há clareza de que o sentido, adotado pela EPSJV, não se refere a isto.

“Não se trata de ser conhecedor de muitas técnicas, ser flexível e capaz de se adequar ao mundo à sua volta, mas sim de formá-lo para o trabalho de modo que compreenda e seja capaz de problematizar o desenvolvimento dos diversos aspectos, conceitos, práticas e interesses que perpassam a existência do indivíduo e seu trabalho.” (SUJEITO X-2)

É importante destacar sobre este ponto que a experiência, de um dos entrevistados, como discente em uma escola técnica pública, estruturada nos moldes da educação hegemônica, é retratada como competente no que se refere aos conhecimentos técnicos, mas não confere a estes discentes a capacidade de olhar criticamente a sua realidade social e o seu trabalho.

“O estudante sai com a mesma ‘mão apurada’ para trabalhar [...] mas quem sai de lá para um ambiente de trabalho dificilmente questiona o contexto ao qual é inserido. Ele demora a perceber o quanto é visto simplesmente como mão-de-obra barata qualificada [...] Este estudante sabe muitas técnicas e até reflete sobre elas, mas somente sobre elas.” (SUJEITO X-1)

Outro aspecto destacado foi a dimensão libertária e emancipatória do conceito, que foi considerado como “necessariamente transformador porque, reconhecida a gênese das contradições, das configurações de poder ou como se queira caracterizar a rede de relações assimétricas que se espraia a partir do trabalho de cada um, reconhece-se que o ser humano não pode optar por não interferir nestas relações: ou transforma (trabalhar) para reproduzir ou para destituir ou para instituir ou para restituir” (SUJEITO X-2).

Assim, ao expor as contradições presentes no capitalismo e o caminho para a sua superação, coloca-se nas mãos dos trabalhadores importantes ferramentas para a luta política de superação deste modelo de sociedade. Atuar para a perpetuação deste

modelo, ou mesmo se omitir, significa contribuir, direta ou indiretamente, para a consolidação deste projeto.

Neste contexto, é destacado que a “formação politécnica deve contribuir para a construção de um indivíduo ciente de seu papel sociopolítico na sociedade, portanto deve superar a mera reprodução de conhecimentos” (SUJEITO X-3). Aos discentes deve-se incentivar a reflexão sobre os conteúdos em sala de aula, numa perspectiva histórica de construção destes conteúdos, atentando para as implicações sociais e jamais naturalizando os mesmos.

Além disso, a integração entre o trabalho manual e intelectual, geral e particular, permite ao discente uma compreensão que possibilita a sua autonomia enquanto sujeito. Permite que possam refletir sobre o que o professor apresenta em sala de aula, formulando suas próprias críticas e consolidando o conhecimento. Neste sentido, o conceito traz em seu escopo a dimensão de emancipação do sujeito quando aliado a uma prática docente que estimule a autonomia do aluno, a sua participação e reflexão sobre os temas discutidos.

“O discente desenvolve espírito crítico que o torna capaz de entender, atuar, construir e transformar os processos dos quais participa em sua vida, sejam no trabalho ou em sua vida pessoal” (SUJEITO X-6).

Destaca-se que “A Politecnia tenta trazer à tona a captação da contradição que marca a sociedade capitalista e a direção de sua superação.” (SUJEITO X-5).

“Se, ao longo da história, as sociedades têm se dividido em exploradores e explorados, dominantes e dominados, a educação politécnica se volta para a formação de um novo homem capaz de superar tais divisões. Trata-se, portanto, de um processo extremamente complexo de construção de uma nova sociabilidade baseada na liberdade e na solidariedade. (SUJEITO X-4)

Deste modo, pode-se perceber que para os sujeitos a educação politécnica rompe com a formação profissional tecnicista, voltado para ensino de técnicas para exercício do trabalho. A proposta de formação da ESPJV busca uma formação que possibilite ao sujeito a compreensão do modelo de sociedade que vivencia e sua atuação social.

Trata-se de um projeto de educação que, ao explicitar as contradições e conseqüências da sociedade capitalista, coloca nas mãos dos trabalhadores a possibilidade de mudança através da luta social.

### **3.2. PPP – UM PROJETO CONTRA-HEGEMÔNICO**

A EPSJV reúne em seu Projeto Político Pedagógico as concepções e conceitos que vão alicerçar a sua proposta. Ressalta-se, como aponta o SUJEITO X-3, que neste documento expressa-se “uma preocupação em formar criticamente e não de adestrar”, o que significa dizer que o projeto da EPSJV traz, efetivamente, uma proposta de rompimento com a formação tecnicista.

Na construção do texto deste projeto estão explícitas as “[...] condições de trabalho e de formação do trabalhador em saúde, trazendo à tona tanto as duras conseqüências de uma educação que persegue a adequação do trabalhador ao ‘mercado de trabalho’, quanto os interesses, movimentos e lutas que, de uma forma ou de outra, foram significativos na constituição das atuais condições de trabalho e de formação do trabalhador.” (SUJEITO X-2)

O projeto político pedagógico mostra um esforço da Escola Politécnica em buscar uma formação que garanta ao trabalhador autonomia intelectual e pensamento crítico, firmando-se como uma instituição que fomenta a luta da classe trabalhadora contra o domínio do capital.

Neste sentido, pode-se dizer que este projeto propõe uma “[...] formação integrada, [...] através do incentivo à pesquisa e de uma prática docente que estimula a criatividade e a liberdade discente”. (SUJEITO X-6)

As diretrizes apontadas pelo projeto da Escola Politécnica norteiam a prática docente para caminhar em direção a uma formação que garanta a autonomia do discente. Através da formação integrada relaciona particular e geral, entendendo a formação técnica para além da compreensão do processo de trabalho, formando um cidadão atuante na sociedade, com identidade individual e coletiva. Para tanto, incentiva e promove a prática da pesquisa, inserindo o discente nas atividades de iniciação científica.

O SUJEITO X-3 destaca ainda que “alunos e professores são entendidos como seres humanos e não como ‘recursos humanos’, o que muda muito a perspectiva pedagógica”. O aluno é visto como um sujeito que carrega consigo valores e compreensões de mundo, formando-se em interações contínuas com o meio social.

Entretanto, o SUJEITO X-1 destaca que PPP da Escola está sendo revisitado. Neste processo, “Algumas nucleações de profissionais, como o IEP<sup>2</sup>, tentam pensar em formas de [...] trabalharmos isso. Mais de um professor em sala, textos diversificados,

---

<sup>2</sup> Iniciação a Educação Politécnica - IEP

diferentes propostas de trabalho em sala, o TI<sup>3</sup>... tudo isso agrega na formação, [...]. Claro que temos muitas questões ainda complicadas, falta palatabilidade às vezes. Mas penso que o saldo é positivo, mesmo precisando deixar claro que ainda não possuo tanto acúmulo de conhecimento teórico na área pra conversar sobre isso. Mas politécnia também é realizar o trabalho e refletir sobre; estamos em formação continuada.”

É interessante notar, então, que este sujeito, acima referido, aponta que há dificuldade de compreender e construir este projeto. Contudo, ao dizer que sua formação não está terminada demonstra estar contaminado por este projeto, pois se reconhece sendo construído e construindo esta formação.

### **3.3. A PRÁTICA POLITÉCNICA**

As questões levantadas nos itens anteriores foram o caminho percorrido para que se chegasse à prática politécnica. Investigou-se este aspecto através das seguintes perguntas: Como se materializa na prática cotidiana esse projeto de formação? O que é a politécnia no fazer cotidiano de sala de aula? Ou: o que é ser politécnico dando aula? Ou: o que é uma aula politécnica? As respostas para estas perguntas mostram que a compreensão da prática politécnica, diferentemente das questões anteriores, possuem uma maior amplitude de resposta.

Compreende-se que em sala de aula, a prática da politécnia consiste em abordar os conteúdos crítica e historicamente, articulando-os com as demais disciplinas e, sobretudo, associando prática e teoria. Expor os conteúdos, construindo e refletindo sobre os mesmos a partir da realidade e do contexto social.

Mesmo nas disciplinas consideradas mais pragmáticas, segundo o SUJEITO X-6, pode-se perceber que há um movimento dos docentes em refletir sobre os conteúdos a partir da realidade dada, articulando saberes, buscando visualizações dos conteúdos trabalhados e desenvolvendo demonstrações e aplicações práticas dos conteúdos.

Por outro lado, O SUJEITO X-3 afirmando que ainda está buscando “[...] a melhor maneira de se trabalhar a politécnia como professor em sala de aula.” Afirma que não acredita em saber neutro: “[...] defendo que além de trabalhar numa perspectiva crítica, em alguma medida é importante trazer para sala de aula o projeto socialista como um contraponto ao que se propõe o capitalismo [...] Procuro trabalhar sempre em minhas aulas, o aspecto político dos conteúdos, não estou preocupado apenas com o

---

<sup>3</sup> Trabalho de Integração - TI

texto, mais também com o contexto. De forma geral, trabalho com componentes curriculares relacionados a política, políticas públicas de saúde e participação social. Os conteúdos então são trabalhados de forma crítica e aliados a uma concepção socialista de superação do capitalismo.”

O SUJEITO X-2 enfatizando também os aspectos políticos que envolvem esta questão destaca “[...] a importância de se levar em conta a divisão do trabalho, as formas de vinculação dos trabalhadores e dos estudantes, o nível e a forma de participação política permitido, fomentado e exercido por estes indivíduos – *para afastar a ideia de que haja um modelo de aula ou de professor que venha a ser tomado por si só como emancipador*. Isso seria tão vazio quanto falar da instituição isolada dos indivíduos que a constroem e ocupam, dos que circulam, mas também dos que não circulam por ela. Por outro lado, o caráter coletivo da construção contínua da escola por parte de trabalhadores comprometidos com a formação integral dos trabalhadores (deles mesmos e dos outros) deve perpassar igualmente os momentos de sala de aula, o que significa que deve provocar os estudantes a se reconhecerem como agentes de direito neste processo como em todas as transformações econômicas e culturais.” (Grifos nossos)

Por isso, destaca que “aula é um acontecimento entre diversos outros, fundamentais para a formação dos homens que estão ali envolvidos. [...] a aula dialoga com estes outros acontecimentos.”[...] “[...] o fazer cotidiano da politécnica necessariamente extravasa a sala de aula, de modo que não é possível pensar uma suposta aula politécnica fora de uma instituição politécnica (não pelo nome, mas pelas práticas)” (SUJEITO X-2)

Outro entrevistado também destaca que não crê “[...] que possa haver um modelo de aula politécnica. Procuro orientar meu trabalho por alguns parâmetros:

- 1- posso estabelecer com cada uma das minhas turmas [...] um programa específico que seja construído coletivamente de acordo com os interesses do grupo .Isso não é possível na maior parte das disciplinas. É importante, por isso, que haja este tipo de espaço da escola.
- 2- Estabelecer um programa de trabalho implica responsabilizar-se por ele. Uma reclamação freqüente entre alunos é que eles não têm (ou quase não têm) escolhas na escola. Poder escolher e assumir a responsabilidade sobre suas escolhas me parece muito importante.

- 3- A educação da sensibilidade é parte fundamental de uma formação emancipatória. Ela torna mais apurada a nossa capacidade de avaliar totalidades, de perceber articulações entre conjuntos e detalhes, de realizar escolhas e exercer capacidade criativa.” (SUJEITO X-4)

Outro importante ponto destacado na pesquisa foi que “[...] o professor da escola politécnica não possui uma formação politécnica”. O que significa dizer que o docente não tem uma formação, anterior ao trabalho na escola, que possibilite uma compreensão mais profunda da proposta da politecnia. (SUJEITO X-1)

Como exemplo disto, a incorporação de docentes contratados na condição de professores-horistas, objetivando complementar o corpo docente da escola, vai atuar como faca de dois gumes, porque mesmo que traga um trabalhador que complemente o trabalho dos profissionais da escola, pode trazer, também, ao mesmo tempo, um trabalhador que não tem aproximação com o projeto da escola.

#### **4. ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Diante do exposto, uma importante ressalva a ser feita é que os sujeitos da pesquisa foram escolhidos a partir do reconhecimento do conhecimento e experiência neste campo. Deste modo, não se pretendeu generalizar a análise das respostas, mas fazer considerações que possam fomentar o debate sobre o tema.

A primeira consideração que este estudo faz é que o projeto de formação profissional da Escola Politécnica realiza na sua prática cotidiana uma formação contra-hegemônica do trabalhador técnico no campo da saúde, representando um importante movimento de mudança e resistência à proposta de educação nacional.

Este projeto se interessa em fomentar a luta da classe trabalhadora contra o modo de produção estruturado sobre a divisão de classes, sobre a desigualdade social e sobre práticas e concepções que fragmentam, fragilizam e exploram a classe trabalhadora.

As respostas dos sujeitos da pesquisa apontam, de forma geral, que não há diferenças significativas quanto à concepção da proposta politécnica, ainda que tenha sido apontado que existem trabalhadores na escola não tem formação neste campo. Sobre isto, Santiago (2010) informa que a criação da Pós-Graduação em Educação Profissional promovida nos últimos anos pela Escola Politécnica reconhece esta realidade e já realiza atividades políticas e pedagógicas importantes para saná-las.

Quanto às questões da pesquisa percebe-se que os sujeitos entrevistados reafirmam que a noção de politecnia refere-se a uma formação que possibilita ao trabalhador compreender sob quais bases o processo de trabalho está estruturado além, de promover elementos para que o trabalhador reflita e atue nesta sociedade. Deste modo reconhecem que este projeto supera as concepções pedagógicas que realizam uma formação voltada apenas para a inserção no mercado de trabalho.

Destacaram, em sua maioria, a dimensão libertária e emancipatória desta proposta, pois afirmam que os pressupostos da politecnia permitem visualizar as contradições presentes na sociedade capitalista, buscando educar o discente de forma a garantir sua autonomia enquanto sujeito e sua participação ativa na sociedade. Este processo coloca nas mãos do trabalhador uma ferramenta importante de luta contra a hegemonia desta sociedade, dando a este a possibilidade de escolha entre a mudança ou a permanência. Entretanto, reafirma constantemente que está comprometido com a superação desta sociedade cindida em classes.

O PPP da Escola Politécnica apresenta o compromisso de romper com a formação tecnicista, pois, como apontam os sujeitos, está preocupado com uma formação humana, e não com o adestramento para o mercado de trabalho. Apresenta em seu escopo as conseqüências deste modelo de educação hegemônico como, também, neste documento se materializam as diretrizes que norteiam sua construção e suas práticas docentes.

Onde se percebe respostas mais diferenciadas entre os sujeitos da pesquisa são no campo da prática politécnica. Percebe-se a existência de algumas diretrizes que buscam nortear este processo como o Trabalho de Integração e Iniciação a Educação Politécnica, entretanto, a prática docente extrapola estes espaços.

Há dúvidas quanto o que seria uma aula politécnica, questionando-se inclusive que promover uma aula politécnica é colocá-la nos limites da sala de aula e esta concepção vai além deste espaço. Há movimentos institucionalizados neste sentido, como os ditos anteriormente, como há, também, práticas criativas diferenciadas que buscam se alinhar à proposta da politecnia.

É interessante destacar que mesmo reconhecendo que a prática politécnica ainda envolve muitas dúvidas, o ato mesmo de reconhecê-la como um projeto em construção é absolutamente alinhado a proposta politécnica.

O principal ponto abordado pela maioria dos sujeitos quanto à prática politécnica foi relativo a necessidade de historicizar e criticar todos os campos do conhecimento.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, esta pesquisa considerou importante reconhecer a necessidade de espaços para reflexão e discussão sobre o projeto da escola. Existem espaços já criados para isto como: na própria sala de aula, nas reuniões dos docentes, dos discentes, ou ainda dos dois grupos reunidos, os seminários, as palestras, etc promovidas pela escola, periodicamente.

Contudo, é necessário ressaltar a importância de trazer os alunos mais, frequentemente, para o debate de construção deste projeto. A percepção do corpo discente poderia, também, contribuir para o aprofundamento desta proposta, pois estes vivenciam a formação nas salas de aula, no dia-a-dia da escola e fora dela.

Verificou-se a necessidade de investigar de forma mais profunda a prática da formação politécnica, no sentido de captar os limites desta prática e pensar formas para transpô-los, avançando na construção do modelo de formação contra-hegemônico.

A construção do projeto politécnico esta atravessado por questões como os vínculos trabalhistas e a formação de seus profissionais, e isto interfere no cotidiano do trabalho.

O projeto da EPSJV, oriundo da inquietação daqueles que não se conformam com uma sociedade excludente, pode representar um projeto utópico quando se olha para a estrutura da sociedade em que vivemos hoje. Porém, este projeto, ainda que permeado por contradições, representa passos decisivos para caminhar em direção a outra proposta de sociedade, que seja igualitária e justa.

"A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar". (Fernando Barros)

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3ª Ed. Lisboa. Edições 70, 2004.
- CASTRO, Ramon P.. **Empregabilidade** In: PEREIRA, Isabel Brasil e LIMA, Julio César França. (org.) **Dicionário da educação profissional em saúde**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008. 197-202p.
- EPSJV - Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. **Projeto Político Pedagógico** Disponível em <http://www.epsjv.fiocruz.br/v2005/projetopoliticopedagogico.pdf>, 2005.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **Capital Humano** In: PEREIRA, Isabel Brasil e LIMA, Julio César França. (org.) **Dicionário da educação profissional em saúde**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008. 66-72p.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **Novos fetiches mercantis da pseudoteoria do capital humano no contexto do capitalismo tardio**. In: ANDRADE, Juarez de; PAIVA, Lauriana G. de (organizadores). **As políticas públicas para educação no Brasil contemporâneo: limites e contradições**. Juiz de Fora, UFJF 2011.
- FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (Org.). **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo, Cortez, 2005.
- MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8 ed. São Paulo, Hucitec, 2004.
- PEREIRA, Isabel Brasil e LIMA, Julio César França. (org.) **Dicionário da educação profissional em saúde**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008.
- RAMOS, Marise Nogueira. **Pedagogia das Competências** In: PEREIRA, Isabel Brasil e LIMA, Julio César França. (org.) **Dicionário da educação profissional em saúde**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008. 299-305p.
- SANTIAGO, Gilberto Estrela. **Formar para que? Análise da proposta de politécnia e suas relações com a formação dos trabalhadores de nível médio que atuam no campo da gestão do SUS**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Educação Profissional em Saúde, EPSJV/Fiocruz, 2010.
- SAVIANI, Dermeval. **O choque teórico da politécnia**. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v.1, n1, mar. 2003. 131-152p.
- SAVIANI, Dermeval. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. 12. ed. São Paulo: Revista Brasileira de Educação, janeiro-abril, número 034, 2007. 152-165p.